

Damas e dramas

em jogo pré-minimalista

Chico Neto

Um dia, você se encontra em um tabuleiro e sente que a esfinge se avizinha. Antes fosse uma sessão terapêutica, mas aqui a saída não é simpática acena mesmo é com a morte: Jogo de Damas, tradução do escolado Paulo de Paula em cima da peça do cubano Júlio Matas, traz à tona um particularmente humano exercício de dedetização (do homem, é claro). Se neste final de século, malpontuado com seitas dizimações de toda ordem, fica mais fácil detectar a prática desse jogo, vale lembrar que o tema nunca deixou de ser atemporal.

Duas irmãs, Ernestina e Celeste (respectivamente bem-vidas por Alcione Dias e Ana Lúcia Junqueira) recebem em sua casa a velha amiga Flora, encarnada pela não por acaso elegante Branca Santos Neves. Tal visita, após um tempo considerável em que esta última não se avizinhava com as duas, não se reveste de qualquer caráter que sugira o relato de bons momentos juntos. Ao contrário, aqui se instala, em todos os cantos, a cena mais próxima possível das arenas, em que a platéia se diverte e se purga-

va com a mutilação de seres humanos.

A antropofagia, enquanto rito saudável para se reavaliar as motivações culturais e comer mais cruas as nossas raízes, viria ao hit séculos depois desses romanos, no nosso país das saúvas e pelas mãos de Oswald de Andrade. Matas, que nos Estados Unidos encontra ampla receptividade em Jogo de Damas (lá chamada Ladies and Play), faz aqui uma outra proposição, onde a tônica da crueldade é tão precisa quanto a sutia.

A partir dos minutos de lhos, Ernestina e Celeste preparam com requinte um jogo de esfacelamento certeiro para Flora, a amiga de infância que, anos atrás, traira uma das duas roubando o noivo americano e bem-sucedido. Uma a uma, elas vão desbulhando lembranças desse passado, não sem antes removerem a cicatriz mais novinha da vida de Flora: a morte da mãe, que, ocorrida recentemente, ainda não foi processada. E, retirada essa primeira costura precocemente, Flora já está fragilizada.

Em cena, a trama se desenvolve numa profusão em que o absurdo e o cômico alinhavam o trágico da maneira mais apetitosa que um autor poderia conceber e, no caso, que um diretor de teatro poderia conduzir. O figurino e a maquiagem são molduras justas para o

desempenho das atrizes; entre as quais, não restam dúvidas, quem rouba as cenas é Alcione Dias, que um dia ainda vai fazer Marília Pêra lançar um expressivo soslaio. Entremeadado com muitos risos, a peça transcorre em um ato apenas — Matas seria um pré-minimalista —, tempo suficiente para que o espectador se sinta cindido.

Flora, em vão, tenta esquivar-se da imolação das duas. A partir do momento em que é desnudada do topo de sua pirâmide — Ernestina tira-lhe o chapéu e o efeito é de um frasco de essência etílica sem a rolha, se esvaindo —, ela vai mingando diante da vingança das duas. O final, que outra coisa não poderia ser que não trágico, é arrebatado pelo júbilo das irmãs, com o abandono a então possibilidade de "viver" e "sorrir", com a morte da outra.

Não se trata de uma metáfora — a não ser que você prefira usar esse "filtro" —, mas, antes, de mais um vigoroso ensaio de autopsia a revelar que, entre tantas capacidades, o homem também desenvolve a de ruminar e destruir. No caso, vale ressaltar, triunfa sobre o instinto autodestrutivo o do homicida — o que quer dizer que ainda existe salvação. Ou, se você preferir, que nada na vida passa impune.